

Crise é típica, diz Nakano

São Paulo — A crise cambial que se estabeleceu no País nos últimos dias é típica da fase de hiperinflação e o maior risco, no momento, é se partir para a indexação dos preços à variação do dólar no paralelo. O diagnóstico foi feito ontem pelo economista Yoshiaki Nakano, durante a divulgação da carta de conjuntura do Conselho Regional dos Economistas. “Isso vinha sendo represado e se deve, basicamente, à crise de confiança que levou os poupadores a uma rápida mudança no portfólio e a partir para a compra de dólares por não acreditarem mais no padrão monetário cruzeiro nem nos títulos do governo”, explicou. Para Nakano, essa rejeição pode ampliar-se e levar a população cada vez mais para a dolarização.

“A hiper ainda está embrionária, mas pode tornar-se mais visível se o **black** passar a ser o parâmetro para o reajuste de preços”, advertiu. O governo, disse, teve grande parcela de culpa na crise financeira estabelecida ao segurar a variação cambial para depois admitir estar sem reservas e decretar a Midi de 16% em setembro. “Além disso, esta história de prever o juro futuro através da TR lhe trouxe problemas”, diz Nakano. No come-

ço do mês, lembra o economista, o governo arbitrou a taxa de 19,77% que pareceu satisfatória ao mercado em relação às perspectivas inflacionárias. “Terminado o mês, percebeu-se que a taxa era negativa. “Na sua opinião, juros altos não funcionam no Brasil para controlar uma inflação na casa dos 20%, pois as empresas aprenderam a conviver com isso sem desovar os estoques.

Outro erro do governo, observou, foi deixar de intervir no mercado de ouro, demonstrando ao mercado que o nível das reservas era mais baixo do que se dizia com a decretação da Midi. “os exportadores ficaram aguardando, como num jogo, e apostaram alto. Acabaram ganhando”, diz. Para resolver o problema criado, Nakano aconselha o governo a diminuir os prazos de indexação de títulos públicos para acomodar o mercado e partir para uma indexação mais confiável, já que a crise é de credibilidade. O economista Paulo Singer, secretário municipal de Planejamento de São Paulo, constatou que, a princípio, a brusca variação do câmbio, pelo tamanho do mercado, não deveria contaminar o resto da economia.